



2018

ISSN: 2359-6597

A CRÍTICA DE HEIDEGGER ACERCA DA METAFÍSICA CLÁSSICA

Ernest Cadet*

Resumo: O presente trabalho elenca um estudo reflexivo-filosófico acerca da ontologia, na ênfase da crítica de Heidegger acerca da metafísica clássica. Tendo presente o desenrolar da Metafísica tradicional, empenhamo-nos a dissertar a perspectiva crítica de Heidegger sobre a visão da antiga ontologia. A metafísica enquanto sapiência é considerada como o saber mais elevado e diferenciado dos outros saberes. Nessa proposta, de estudar o ser enquanto ser, ela se depara com o problema mais fundamental da tradição histórica: o ôntico e o ontológico foram concebidos apenas em um conceito único, isto é, o ser e ente interpretados como entidade. Na reconstrução desta percepção ôntica, salientamos a questão do ser como problema metafísico por excelência e também a nova abordagem da concepção ontológica de Heidegger. Sendo que, pela diferença ôntico-ontológico, demonstramos o desvelamento do sentido do ser e a elaboração do novo caminho para interpretar a questão do ser.

Palavras-chave: Ontologia. Metafísica. Ôntico. Sapiência. Ontológico.

Considerações iniciais

A filosofia emergiu no berço da civilização grega sob as influências das outras civilizações vizinhas e chegou, finalmente, a se instaurar no mundo ocidental grego, com foco nos princípios racionais, argumentativos e verdadeiros que constituem o valor da Episteme. A grande liberdade de pensamento que existia na cultura grega, proporcionou o desenvolvimento da filosofia. De tal modo, o seu surgimento constitui a “Alma Mater” de todas as outras ciências durante vários séculos. Porém, a filosofia se diferencia das ciências positivas por não ter um caráter quantificável. Mas, ela atua peculiarmente nas vivências humanas, sendo o campo que demonstra seu valor extraordinário. Também, ela está alicerçada na especulação sobre o mundo, o eu e os outros. A filosofia é aplicada na estética, na ética, na linguagem, na lógica e na metafísica como ramos direcionados a um estudo específico.

* Acadêmico cursando o oitavo semestre do curso de Filosofia na Universidade Franciscana (UFN), bolsista da Residência Pedagógica (CAPES), e-mail: ernestcadet88@gmail.com

Nesse sentido, a metafísica é a única ciência que desenvolve uma pesquisa sobre o ser enquanto ser. Essa pesquisa sobre o ser tornou-se o fundamento essencial da Metafísica e, ao mesmo tempo, é concebida como problema metafísico, por excelência, de toda história da metafísica.

Tendo em conta a ontologia em seus diferentes modos, este trabalho trata da crítica de Heidegger acerca da metafísica clássica. Portanto, a questão de ontologia se diversifica na metafísica por concepções divergentes durante a história da filosofia. Em cada época, o conceito de ser requer uma aventura que se desdobre em pluralidades semânticas. Tendo constatado estas observâncias, isto nos proporciona formular as seguintes interrogações: de que modo Heidegger fundamenta sua crítica sobre a metafísica? Por que é o ser o problema fundamental da metafísica?

A partir desta abordagem, nos empenhamos a dissertar a crítica de Heidegger sobre a metafísica. No decorrer deste trabalho, seguimos esses pontos: origem da Metafísica, problematização da metafísica, concepção ontológica de Heidegger, distinção entre o ôntico e o ontológico. Enfim, algumas considerações finais referentes à amplitude do tema.

1 A origem da metafísica

Preliminarmente, a metafísica tem predileção nas raízes da mitologia grega. Por conseguinte, a concepção mítica engloba traços inéditos do pensamento metafísico a partir do questionamento que se faz sobre o cosmos, e a relação que se estabelece com os seres superiores como divindade. Certos fenômenos do mundo foram inexplicáveis pelos homens durante a mitologia. Por isso, eles recorrem à intervenção do invisível (não concreto) como potencialidade, capaz de responder às suas inquietações. E este mesmo, é usado pelo homem mítico para resolver seus problemas. Então, desde lá, existe um fundamento implícito da Metafísica caracterizado por essa busca incansável.

Conforme Sá (1971), os homens do período da mitologia procuravam explicar e entender os múltiplos aspectos do mundo e a diversidade de seus sentimentos. Este encontro do homem com a realidade, carregado de mistérios e segredos, impulsiona os gregos à procura das origens. Daí, as teogonias ou origens dos deuses e as cosmogonias ou origem do mundo, foram objetos de indagações cotidianas. Partindo do visível, isto é, o mundo em que ele está inserido, o homem buscava o invisível, isto é, a realidade que está fora de sua consciência. Mas, do mesmo modo com que parte do visível ao invisível, o homem retorna ao ponto de partida, isto é, do invisível ao visível. Desde que existe esse binômio, homem e

mundo, conclui-se que a presença da metafísica já se faz sentir no período mitológico (teogônico e cosmogônico), sendo a busca do invisível.

Portanto, a gênese da metafísica surge a partir das obras de Aristóteles que, por sua vez, reservou certos escritos diferenciados dos textos da física. Pondo à parte, a construção de um novo saber, mais elevado que as outras ciências referentes ao uso do conhecimento. Aristóteles cunhou alguns textos separadamente da física como filosofia primeira, isto é, a sapiência, capaz de estudar a unidade total das coisas ou a totalidade de todas as coisas. Nenhuma outra ciência se dispôs a realizar essa amplitude específica da visão das coisas (Aristóteles, 2001). Assim, o termo metafísica foi denominada no século I a.C., no seguinte modo:

Poderíamos iniciar a nossa abordagem a partir de Andrônico de Rhodes, assinalando que ele informara ao mundo que Metafísica nada mais constituía do que as obras de Aristóteles, correspondentes ao grupo V ou de “filosofia primeira”. Na colocação das obras de Aristóteles ou ordem de valor do conhecimento, digamos assim, as que sucediam às de física eram *metá tá physiká*, daí Metafísica ou o que transcende a física. *Peri tōon metá tá physiká* – “acerca das coisas que vêm depois da física”, segundo Aristóteles. A palavra “depois” foi traduzida por “acima” da física. Daí, passou-se a dizer que Metafísica é a parte da Filosofia que trata das coisas que ultrapassam a experiência sensível (SÁ, 1971, p.17).

A metafísica sendo uma investigação incessante do ser e das questões que ultrapassam o âmbito empírico de nossa sensibilidade, superando os interesses de qualquer pretensão racional, inaugura seus próprios conceitos primordiais e fundamentais. Deus, o mundo, a liberdade, a vontade e a imortalidade são conceitos que se circunscrevem no desenrolar da atuação do objeto da metafísica. Tais conceitos não se satisfazem por uma simples indagação rápida, mas por uma análise profunda e permanente que transcende os limites do real para vislumbrar o suprassensível. De fato, tal busca requer uma disposição ou uma necessidade a ser superada, na qual depende o alcance de um entendimento maior das realidades que está além de nossas possibilidades de conhecimento.

1.1 Problematização da metafísica

A metafísica, tendo o ser como objeto de estudo, depara-se com um problema inerente e irreversível. Disto, podemos salientar que o Ser constitui o verdadeiro problema que transcorre e domina a preocupação da metafísica. Portanto, esse problema do ser na metafísica reside nas concepções filosóficas que tentaram predicar o ser como: unidade, multiplicidade, o é, o não é, o absoluto, o particular. Essa complicação das múltiplas predicções do conceito

de ser, torna a metafísica impotente e inaderente para determinar qual adequação mais provável, que poderia ser atribuída ao conceito de ser. Sendo assim, o ser representa o problema fundamental da metafísica, e permanece não esgotado pelas investigações metafísicas. Também o ser requer uma nova perspectiva para clarear o sentido que poderia conceber a ontologia.

Há quem diga e afirme que o problema metafísico por excelência é o Ser. O Ser visto sob o ponto de vista meramente especulativo, diríamos até contemplativo, já que se resumiria a falar sobre os atributos do Ser. Para esses, o problema do Ser é e sempre foi o objeto da Metafísica, desde os tempos mais recuados até nossos dias: hoje nada mais faríamos do que uma repetição do que se falou e se disse e se afirmou sempre (SÁ, 1971, p.81).

Outro aspecto que apresenta o problema da ontologia na metafísica é a perspectiva ôntica atribuída ao conceito de ser. A metafísica clássica não consegue investigar o ser enquanto ser, mas realizou uma interpretação do ente enquanto ente. O ser sendo identificado por categorias e analogias fica velado, o ser foi reduzido como entidades simplesmente dadas. Enquanto a metafísica se propõe estudar o ser na sua totalidade, Heidegger ressalta que nesse momento, o ser caiu em esquecimento. O ser sendo constituído pelo binômio velamento-desvelamento, merece ser contemplado nestas duas características.

A metafísica tem enquanto a verdade do ente enquanto tal, duas formas. Mas, a razão destas formas e mesmo sua origem estão fechadas para a metafísica, e isto, sem dúvida, não por acaso ou como consequência de uma omissão. A metafísica aceita esta dupla face pelo fato de ser o que é: a representação do ente enquanto ente. Para a metafísica não resta escolha. Enquanto metafísica ela está excluída pela sua própria essência da experiência do ser; pois, ela representa o ente apenas naquilo que a partir dele se mostrou enquanto ente. Contudo, a metafísica não presta atenção àquilo que precisamente neste ente, na medida em que se tornou desvelado, também já se velou (HEIDEGGER, 1969, p. 78).

2 A concepção ontológica de Heidegger

Na contemporaneidade, Heidegger desenvolve uma nova abordagem sobre o conceito de ser. Ele analisa as investigações de Aristóteles sobre a ontologia, e ressalta o problema do esquecimento do ser. O ser ficou encoberto na metafísica clássica, e as coisas foram concebidas apenas como ente sem captação de seu ser. Para Heidegger, o grande problema da metafísica clássica foi a redução do ser ao ente, isto é, a redução da ontologia para a ôntica. O ser não pode ser tratado de forma igual ao ente, mas o ser faz parte do ente, isto é, o ser do ente. Contudo, os tratados sobre a antiga ontologia requerem ainda uma indagação profícua

sobre a polissemia do conceito de ser. O Ser sendo dito de vários modos, isto é, diversas são as analogias relacionadas ao conceito de ser.

Se desvela como aquilo que se distingue de todo ente e que nós chamamos o ser. Em qualquer lugar e em qualquer amplitude em que a pesquisa explora o ente, em parte alguma, encontra ela o ser. Ela apenas atinge sempre o ente porque, antecipadamente, já na intenção de sua explicação, permanece junto do ente. O ser, porém, não é uma qualidade ôntica do ente. O ser não se deixa representar e produzir objetivamente à semelhança do ente. O absolutamente outro com relação ao ente é não-ente. Mas, este se desdobra como ser (HEIDEGGER, 1969, p. 50).

Portanto, para retratar o problema da redução ontológica postulado no pensamento aristotélico, Heidegger menciona a questão do ser como ponto referencial de sua concepção ontológica. Com seus estudos, ele se propõe repetir a questão do ser para esclarecer a estrutura ontológica da metafísica clássica. Uma vez que o ser é conceituado a partir de categorias, isso não descreve seu modo autêntico e sua compreensão. Então, torna-se evidente o interesse de Heidegger para redescobrir o verdadeiro aspecto no qual está embasado o sentido do ser.

A questão do ser não se dirige apenas às condições a priori de possibilidade das ciências que pesquisam os entes em suas entidades e que, ao fazê-lo, sempre já se movem numa compreensão do ser. A questão do ser visa as condições de possibilidade das próprias ontologias que antecedem e fundam as ciências ônticas. Por mais rico e estruturado que possa ser o seu sistema de categorias, toda ontologia permanece, no fundo, cega e uma distorção de seu propósito mais autêntico se, previamente, não houver esclarecido, de maneira suficiente, o sentido do ser nem tiver compreendido esse esclarecimento como sua tarefa fundamental (HEIDEGGER, 2002, p. 37).

Conforme Heidegger (2002), é necessário desenvolvermos uma nova investigação sobre a questão do ser apresentado nas analogias de Aristóteles. O ser é determinado por Aristóteles a partir de uma variedade multiforme de categorias. Portanto, dizer que o ser é o conceito mais universal, isso não justifica que o conceito de ser seja o mais claro na sua evidência. Ao contrário, é possível que o conceito de ser seja o mais obscuro. Também, dizer que o conceito de ser é indefinível, isso demonstra uma atribuição do ser como ente. De fato, o ser não pode ser concebido como ente, visto que o ser não é o ente. Tal impossibilidade de encontrar uma definição do conceito de ser não lhe-dispensa da questão de seu sentido.

Entretanto, a metafísica expressa o ser constantemente e das mais diversas formas. Ela mesma suscita e fortalece a aparência de que a questão do ser foi por ela levantada e respondida. Mas a metafísica não responde, em nenhum lugar, à questão do ser, porque nem a suscita como questão. Ela não problematiza porque é que somente pensa o ser enquanto representa o ente como ente. Ela visa o ente em sua

totalidade e fala do ser. Ela nomeia o ser e tem em mira o ente enquanto ente. [...]. Em consequência desta geral troca a representação atinge o auge da confusão quando se afirma que a metafísica realmente põe a questão do ser (HEIDEGGER, 1969, p. 66).

A questão do ser foi para Heidegger um elemento imprescindível para a elaboração da nova ontologia. Captar o ser do ente é a máxima evidência das possibilidades para resolver o problema da metafísica. Depois de vários séculos, a metafísica nunca foi contestada e ninguém tinha percebido essa descoberta feita pelo próprio Heidegger. O ser caiu em esquecimento e ficou velado durante o questionamento do ente. Essa constatação permite que Heidegger lance uma nova direção para restituir o ser do ente. Assim, o filósofo expressa:

O ser é o conceito evidente por si mesmo. Em todo conhecimento, proposição ou comportamento com o ente e em todo relacionamento consigo mesmo, faz-se uso do ser e, nesse uso, compreende-se a palavra sem mais. Todo mundo compreende: o céu é azul, eu sou feliz etc. Mas essa compreensão comum demonstra apenas a incompreensão. Revela que um enigma já está sempre inserido a priori em todo a ser e ser para o ente, como ente. Esse fato de vivermos sempre numa compreensão do ser e o sentido de ser estar, ao mesmo tempo, envolto em obscuridades demonstra a necessidade de princípio de se repetir a questão sobre o sentido do ser (HEIDEGGER, 2002, p. 29).

Essa colocação de Heidegger proporcionou uma nova forma de interpretar a ontologia, sendo que a questão do ser merece ter uma compreensão própria de seu sentido. Tal tarefa de investigação abre as possibilidades de elaborar uma concepção ontológica baseada no esclarecimento da constituição do ente. O ente é na perspectiva heideggeriana uma presença como “estar-aí” sem nenhuma determinação completa que revela seu modo ontológico. Contudo, o pensamento de Heidegger ressalta a necessidade de nomear a presença a partir de sua própria existência. A intenção de Heidegger é sob certo aspecto, um percurso caracterizado pelo desvelamento do Ser e pela busca da apreensão do seu sentido. Por isso, ele evoca o termo Dasein, traduzido como presença ou ser-aí para nomear o ente privilegiado que é possivelmente o homem, isto é, aquele que pela concepção ôntico-ontológica, possui toda possibilidade de questionar seu ser enquanto existência.

A compreensão grega do ser como estar-aí não oferece, segundo Heidegger, o sentido original do de ser. Não se trata, todavia, de uma interpretação infundada ou falsa. Ela corresponde, antes, a um certo modo do ser-no-mundo do homem e do seu compreender ontológico. Se a concepção grega de ser é inautêntica é porque os Gregos não desenvolveram a questão do sentido de ser como hermenêutica do homem, entendido como compreensão do ser. A falta de uma tal ontologia fundamental levou-os, inexoravelmente, a assumir ingenuamente como base de sua interpretação do ser a ideia imediata e ordinária que o homem tem de si mesmo (MACDOWELL, 1970, p. 184).

Assim, o homem torna-se o principal objeto da ontologia que oferece o rumo mais seguro para entender o ente. Sendo privilegiado, aberto e constituído pelo seu caráter existencial, esse ente abre as oportunidades para determinar o sentido e a compreensão do ser. Além disso, ele deveria ser o primeiro ente a ser interrogado pelos gregos na fundamentação da metafísica. Uma vez que parte do ente marcado pela existência, surge a ocasião para apreender o ser dos outros entes.

2.1 A diferença entre o ôntico e o ontológico

Heidegger parte desta nova abordagem para reformular a questão fundamental da metafísica. Para ele, o ôntico e o ontológico não possuem modos equivalentes. Por isso, nada admite que ambos sejam concebidos apenas como um ente único. Heidegger designa a presença como um ente diferenciado, a presença não é igual a qualquer outro ente, ela se distingue dos outros entes por ter um caráter ontológico. Ela é um ente privilegiado e lançado na perspectiva de buscar a realização de seu ser. A presença se compreende em seu ser, e é determinado por seu estar sendo. A presença é um ente que se projeta conforme cada possibilidade encontrada para construir seu modo ôntico-ontológico.

A presença não é apenas um ente que ocorre entre outros entes. Ao contrário, do ponto de vista ôntico, ela se distingue pelo privilégio de, em seu ser, isto é, sendo, estar em jogo seu próprio ser. Mas também pertence a essa constituição de ser da presença a característica de, em seu ser, isto é, sendo, estabelecer uma relação de ser com seu próprio ser. Isso significa, explicitamente de alguma maneira, que a presença se compreende em seu ser, isto é, sendo. É próprio deste ente que seu ser se lhe abra e manifeste com e por meio de seu próprio ser, isto é, sendo. A compreensão do ser é em si mesma uma determinação do ser da presença. O privilégio ôntico que distingue a presença está em ser ela ontológica (HEIDEGGER, 2002, p. 38).

STEIN (1983) percebe a diferença ontológica na ideia da problemática epistemológica que surge na questão do ser. Para ele, a diferença ontológica nasce da tentativa de resolver o problema epistemológico entre o ser e o ente. Os objetos são colocados de forma objetiva no ser e nos conteúdos entitativos, ou melhor, em ser e ente. Assim, o ente é visto como objeto de conhecimento científico e o ser objeto de conhecimento da filosofia. A filosofia fundamenta a ciência nessa distinção entre ser e ente. Por isso, captar o conhecimento do ser é a condição de possibilidade do conhecimento do real.

A proposta de Heidegger em trazer esse esclarecimento no campo da ontologia, foi um dos elementos necessários para entender a distinção das entidades. Portanto, a diferença

ôntica e ontológica é um resgate processual para elencar os passos a serem percorridos no estabelecimento dessa nova concepção ontológica. Heidegger diferencia a presença pelo seu primado múltiplo referente aos outros entes. Disso, três pontos são totalmente fundamentais para identificar as principais características da presença. Ele descreve a presença pelo seu primado ôntico, primado ontológico e sua condição ôntico-ontológico. Essa diferença se expressa no seguinte modo:

Em consequência, a presença possui um primado múltiplo frente a todos os outros entes: o primeiro é um primado ôntico: a presença é um ente determinado em seu ser pela existência. O segundo é um primado ontológico: com base em sua determinação da existência, a presença é em si ontológica. Pertence à presença, de maneira igualmente originária, e enquanto constitutivo da compreensão da existência, uma compreensão do ser de todos os entes que não possuem o modo de ser da presença. A presença tem, por conseguinte, um terceiro primado que é a condição ôntico-ontológico da possibilidade de todas as ontologias. Desse modo, a presença se mostra como o ente que, ontologicamente, deve ser o primeiro interrogado, antes de qualquer outro (HEIDEGGER, 2002, p. 40).

A diferença ôntica e ontológica deixa com clareza a interpretação da questão do ser, a presença é reconhecida pelo seu privilégio de possuir modos próprios e diferenciados. Partindo do primado ôntico-ontológico da presença, é possível destacar o sentido ontológico desse ente existencial. Contudo, a questão do ser parece estar mais aberta para ser investigada. Ao determinar na presença o aspecto ontológico, chegamos a criar uma nova ontologia, isto é, uma ontologia fundamental que representa a base na qual se pode questionar o ser de outros entes.

A comprovação do privilégio ôntico-ontológico da questão do ser se funda na indicação provisória do primado ôntico-ontológico da presença. A análise da estrutura da questão do ser como tal deparou-se uma função privilegiada desse ente na própria colocação da questão. A presença mostrou-se, assim, como o ente que de ser trabalhado e desenvolvido em seu ser, de maneira suficiente para que o questionamento se torne transparente. Agora, porém, revelou-se que a analítica ontológica da presença em geral constitui a ontologia fundamental e que, portanto, a presença se evidencia como ente a ser, em princípio, previamente interrogado em seu ser (HEIDEGGER, 2002, p. 41).

Considerações finais

Enfim, essa nova perspectiva de Heidegger em retomar algumas questões sobre a metafísica clássica é relevante para as discussões filosóficas. A metafísica sendo elaborada durante séculos na história do pensamento ocidental, recebe com Heidegger uma crítica que marcou o período contemporâneo através um novo debate sobre a ontologia. A metafísica

confronta o problema mais fundamental de sua época, isto é, o problema do ser como fundamento da antiga ontologia. Ela não consegue captar o ser do ente, o ser foi reduzido ao ente, toda ontologia foi conceituada na ideia do estudo do ente enquanto ente. Essa proposta do esquecimento do ser deixado na percepção ôntica foi a grande meta de Heidegger para retomar a questão do ser.

De fato, Heidegger na sua abordagem ontológica descreve a questão do ser de forma mais lúcida e clara. Portanto, o ser não pode ser interpretado a partir de categorias ou analogias, o ser um conceito evidente por si mesmo. Também ele ressalta a presença ou ser-aí como ente privilegiado para realizar o estudo do ser. Heidegger cria uma ontologia fundamental na qual o homem representa o primeiro ente a ser interrogado para qualquer compreensão do ser. Ao começar a investigação ontológica por esse ente denominado de presença, teremos condições necessárias para questionar e investigar os outros entes. Contudo, pela diferença entre o ôntico e o ontológico, Heidegger demonstra as características fundamentais da presença e sua diferenciação com os outros entes. Tal diferença constitui o ponto chave para entender a metafísica clássica e ao mesmo tempo ter um requisito profícuo para compreender a crítica ontológica de Heidegger feita no SER e TEMPO.

Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Vol I. São Paulo: Edições Loyola, 2001;

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002;

_____. **Que é metafísica**. São Paulo: Livraria duas cidades, 1969;

MACDOWELL, João Augusto A. Amazonas. **A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger**. São Paulo: Herder, 1970;

SÁ, Adísia. **Metafísica, Para Que?** 16.ed. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade do Ceará, 1971;

STEIN, Ernildo. **A questão do método na filosofia: um estudo do modelo heideggeriano**. Porto Alegre: Movimento, 1983.